

Almada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

IIª série #20 (tomo 2) Jan. 2016

A RECONSTITUIÇÃO ARQUEOLÓGICA

uma tradução visual



**Ludi Circenses
e Aurigas Vencedores
nos mosaicos hispânicos**

**Placas de Xisto Gravadas:
o caso do Castelo de Pavia**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

**dois suportes...
...duas revistas diferentes**

**o mesmo
cuidado editorial**

al·madan

revista impressa



**Iª Série
(1982-1986)**

**IIª Série
(1992-...)**

**al·madan
online**

**revista digital
em formato pdf**

(2005-...)

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]



edições

CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Luís Barros e Jorge Raposo

Composição gráfica sobre ilustração que reconstituiu visualmente a informação arqueológica disponível sobre a *Domus* de Santiago, em Braga.

Ilustração © César Figueiredo.

Al-Madan
online

II Série, n.º 20, tomo 2, Janeiro 2016

Propriedade e Edição |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

Tel. / Fax | 212 766 975

E-mail | secretariado@caa.org.pt

Internet | www.almadan.publ.pt

Registo de imprensa | 108998

ISSN | 2182-7265

Periodicidade | Semestral

Distribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Patrocínio | Câmara M. de Almada

Parceria | ArqueoHoje - Conservação
e Restauro do Património
Monumental, Ld.^a

Apoio | Neoépica, Ld.^a

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Elisabete Gonçalves
(publicidade.almadan@gmail.com)

Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Vanessa Dias,
Ana Luísa Duarte, Elisabete
Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português),
Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel
dos Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Vanessa Dias, Graziela Duarte,
Fernanda Lourenço e Sónia Tchissolle

Colaboram neste número |

Marco António Andrade, Luísa Batalha,
Márcio Beatriz, Nuno Bicho, Jacinta
Bugalhão, Maria Teresa Caetano,
Guilherme Cardoso, João Cascalheira,
Fernando Augusto Coimbra, José M.

Lopes Cordeiro, Cláudia Costa, Catarina
Costeira, Ana Pinto da Cruz, Vanessa
Dias, José d'Encarnação, Miguel Feio,
César Figueiredo, Silvério Figueiredo,
Rui Ribolhos Filipe, João José F. Gomes
†, Célia Gonçalves, Susana Gómez
Martinez, António Gonzalez, Marta
Isabel C. Leitão, Marco Liberato,
Virgílio Lopes, Olalla López-Costas,
Andrea Martins, Rui Mataloto, João
Marreiros, Lara Melo, Luís Campos

Paulo, Franklin Pereira, Telmo Pereira,
Severino Rodrigues, João Maia Romão,
Raquel Caçote Raposo, Sofia Soares,
Maria João de Sousa e António Carlos
Valera

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan*
não seguem o Acordo Ortográfico de 1990.
No entanto, a revista respeita a vontade dos
autores, incluindo nas suas páginas tanto
artigos que partilham a opção do editor
como aqueles que aplicam o dito Acordo.

Depois de, no anterior Tomo, ter dedicado merecido espaço à ilustração científica, no caso aplicada ao registo e interpretação patrimonial de um dos mais antigos moinhos de maré do estuário do Tejo, a *Al-Madan Online* volta ao tema.

Agora, apresenta-se uma reflexão da sua aplicação à reconstituição de contextos e estruturas arqueológicas, traduzindo visualmente o estado do conhecimento que deles dispomos, numa mediação criativa entre a Ciência e os diferentes públicos. Entre os vários exemplos de aplicação, destaca-se a espectacular modelação 3D da Lisboa romana (*Olisipo*) que muitos já terão tido a felicidade de ver, nomeadamente na exibição do documentário sobre o fundeadouro recentemente descoberto no subsolo da frente ribeirinha desta cidade (filme realizado por Raul Losada, com uma contribuição muito importante deste projecto gráfico de César Figueiredo).

Outros estudos desenvolvem matérias relacionadas com o mesmo período histórico, ao tratar as então muito populares corridas de cavalos através da sua representação nos mosaicos tardo-romanos da Hispânia, ou as cerâmicas de verniz negro recolhidas nas mais recentes escavações arqueológicas do Teatro Romano de Lisboa, que atestam a integração da cidade nos sistemas de circulação de pessoas e de bens que já a ligavam à Península Itálica e ao mundo mediterrânico nos séculos II-I a.C. Mas, a propósito de um conjunto de placas de xisto gravadas provenientes do povoado calcolítico do Castelo de Pavia (Mora), há também uma reflexão sobre a presença, em contextos habitacionais, de materiais normalmente associados a práticas funerárias pré e proto-históricas. Outros autores abordam a produção de cerâmica vidrada em Alenquer, durante o século XVI, e integram essa actividade no plano mais geral da olaria coetânea na região do baixo Tejo. Por fim, a secção completa-se com a problemática da História militar medieval e da guerra de cerco, a propósito da conquista da cidade islâmica de Silves por D. Sancho I, em 1189, com o apoio de cruzados que se dirigiam à Terra Santa. Num plano patrimonial mais geral, dá-se a conhecer a oficina artesanal de Manuel Capa e dos seus filhos José e Carlos, em Tibães (Braga), especializada na reprodução das ferramentas usadas para trabalhar o couro, no domínio de artes ornamentais que remontam ao século XV. E não são esquecidos os vestígios da presença islâmica no nosso território, evidenciados por porta reconhecida na adaptação do antigo Convento de Nossa Senhora de Aracoeli a pousada, em Alcácer do Sal, nem o primeiro templo cristão construído em Albufeira, no século XIII ou em data anterior, destruído pelo terramoto de 1755 e agora realocado por intervenção arqueológica que também recorreu a técnicas de Arqueologia da Arquitectura. Notícias diversificadas dão conta de trabalhos e projectos recentes de natureza muito diversificada e, a terminar, reúne-se um amplo conjunto de comentários e balanços a eventos científicos e patrimoniais de âmbito nacional e internacional, consolidando a *Al-Madan Online* como veículo privilegiado para a rápida mediação e promoção do diálogo interdisciplinar e da Cultura científica. Como sempre, votos de boa leitura!...

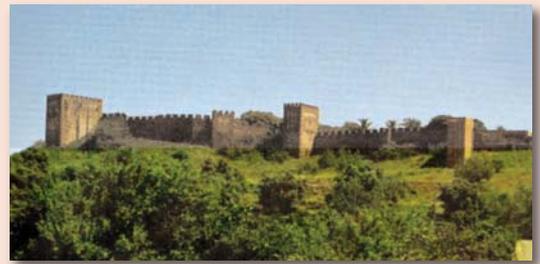
Jorge Raposo

EDITORIAL ...3 ▶

ESTUDOS



A Reconstituição
Arqueológica: uma
tradução visual |
César Figueiredo...6 ▶



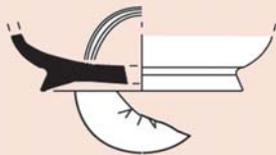
Guerra de Cerco (Silves) |
Lara Melo...64 ▶

Ludi Circenses
e Aurigas Vencedores nos
Mosaicos Hispânicos |
Maria Teresa Caetano...14 ▶



PATRIMÓNIO

Nos Bastidores de um
Ofício: as ferramentas
para trabalhar o couro da
oficina de Manuel Capa
(Tibães, Braga) |
Franklin Pereira...73 ▶



A Cerâmica Campaniense
do Teatro Romano de Lisboa |
Vanessa Dias...34 ▶



A Porta Muçulmana da
Alcaçova de Alcácer do Sal |
Marta Isabel Caetano
Leitão...80 ▶

Placas de Xisto Gravadas em
Contexto de Povoado: o caso
do Castelo de Pavia (Mora) |
Marco António Andrade,
Catarina Costeira e Rui
Mataloto...43 ▶



A Igreja de Santa
Maria de Albufeira |
Luís Campos Paulo...86 ▶



Produção Oleira Renascentista na Bacia
Hidrográfica do Baixo Tejo: a produção de cerâmicas
vidradas em Alenquer, durante o século XVI |
Guilherme Cardoso, João José Fernandes Gomes †,
Severino Rodrigues e Luísa Batalha...54 ▶



NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

ICArEHB - Centro Interdisciplinar de Arqueologia e Evolução do Comportamento Humano: um novo polo de investigação arqueológica | Cláudia Costa, Célia Gonçalves, João Cascalheira, João Marreiros, Telmo Pereira, Susana Carvalho, António Valera e Nuno Bicho...98 ▶



Balas, Botões e Fivelas: intervenção arqueológica no Campo de batalha do Vimeiro | Rui Ribolhos Filipe...101 ▶

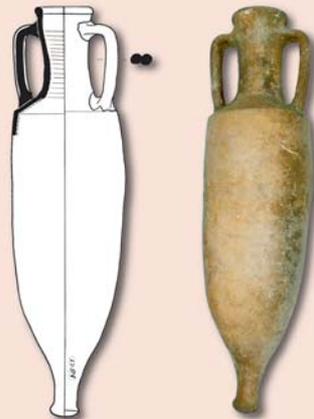


Pelourinho de Vila Verde dos Francos (Alenquer): formatos antigos, novos usos - um caso de reaproveitamento | Raquel Caçote Raposo...106 ▶



Vestígios da Presença Templária no Castelo dos Mouros: uma laje epigrafada com a Cruz de Cristo | António Gonzalez, Márcio Beatriz, João Maia Romão e Maria João de Sousa...108 ▶

Ânfora Romana Dressel 2-4 Recolhida ao Largo do Cabo Espichel | Guilherme Cardoso e Severino Rodrigues...110 ▶



EVENTOS

Lusitânia Romana, Origem de Dois Povos: tema de congresso internacional | José d'Encarnação...111 ▶

INCUNA 2015: XVII Jornadas Internacionais de Património Industrial | José Manuel Lopes Cordeiro...114 ▶

Workshop Paleodiet meets Paleopathology: using skeletal biochemistry to link ancient health, food and mobility | Olalla López-Costas...117 ▶

I Congresso Internacional As Aves na História Natural, na Pré-História e na História: um balanço final | Silvério Figueiredo, Fernando Augusto Coimbra e Miguel Feio...119 ▶

XIX International Rock Art Conference | Andrea Martins...120 ▶

Simpósio de Materiais Líticos em Barcelona | Sofia Soares...122 ▶

XIII Congresso da Association Internationale pour l'Étude de la Mosaique Antique | Virgílio Lopes...123 ▶

XI Congresso Internacional sobre a Cerâmica Medieval no Mediterrâneo | Susana Gómez Martinez e Marco Liberato...124 ▶

Arqueologia em Lisboa: mesa-redonda e encontro | Jacinta Bugalhão...125 ▶

2ª Mesa-Redonda Peninsular Tráfego de Objectos | Ana Pinto da Cruz...127 ▶

II Fórum sobre Património Natural, Etnográfico e Arqueológico | Ana Pinto da Cruz...128 ▶

Colóquio PRAXIS IV | Ana Pinto da Cruz...128 ▶

Simpósio Fusis Φυσις: o ser humano e os mistérios da Vida, da Morte e do Céu | Ana Pinto da Cruz...129 ▶

Colóquio Internacional Enclosing Worlds | António Carlos Valera...130

Lisboa 1415 Ceuta: história de duas cidades | Jacinta Bugalhão...132 ▶

Placas de Xisto Gravadas em Contexto de Povoado

o caso do Castelo de Pavia (Mora)

Marco António Andrade ¹, Catarina Costeira ^{II} e Rui Mataloto ^{III}

1. INTRODUÇÃO

No âmbito do XIX Congresso Internacional de Arte Rupestre – IFRAO 2015, realizado em Cáceres entre 31 de Agosto e 4 de Setembro de 2015, foi apresentada pelos signatários à Sessão 22: *From Paleolithic Plaques, Chalcolithic Idols and Proto-Historic Engraved Slabs: The Role of Mobile Art in European Pre and Proto-Historic Societies* (coordenada por Sofia Soares de Figueiredo e Andrea Martins) a contribuição “Símbolos de Morte em Espaços de Vida? Sobre a presença de placas de xisto gravadas em povoados no Alto Alentejo, no contexto do Sudoeste peninsular”.

Usando como *case study* diversos sítios do Alto Alentejo, pretendia-se com esta contribuição avançar algumas linhas interpretativas sobre a presença destes artefactos em contextos habitacionais – debatendo questões como a potencial ocorrência de práticas funerárias no interior dos espaços habitacionais, a existência de áreas efectivas de produção (*ateliês*) ou a recuperação de artefactos e sua reintrodução em povoados (como *reliquias*, entendidos no quadro de novas concepções simbólicas, possivelmente recuperados no âmbito do reuso de monumentos megalíticos, prática atestada no Sudoeste peninsular durante todo o 3º milénio a.n.e., e mesmo no seguinte).

No conjunto dos sítios estudados compreendia-se assim o Castelo de Pavia, povoado calcolítico incluído no espaço administrativo do município de Mora – apresentando-se somente as placas aqui recolhidas descritas na bibliografia respectiva (LEISNER e LEINSER, 1959: 116-118).

Posteriormente à redacção do texto referente a essa mesma contribuição, incluído nos *Proceedings* daquele encontro científico (ANDRADE, COSTEIRA e MATALOTO, 2015), foram identificadas nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia outras placas de xisto gravadas provenientes do Castelo de Pavia, até ao momento inéditas. Não havendo lugar para revisão de provas, não foi possível incluir a sua descrição naquele texto, servindo o

Apresentação de um conjunto de placas de xisto gravadas recolhidas no Castelo de Pavia (Mora), um típico povoado calcolítico alentejano, potencialmente fortificado e com ocupação do 3.º milénio a.C.

Os autores retomam temática entretanto tratada em comunicação apresentada a congresso internacional de arte rupestre (IFRAO 2015), com base na posterior identificação de outros materiais do mesmo povoado nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa.

PALAVRAS CHAVE: Idade do Cobre; Placas de xisto; Povoado.

ABSTRACT

Presentation of a set of engraved schist plaques found at the Castelo de Pavia (Mora), a typical Chalcolithic settlement of the Alentejo, probably fortified and occupied in the third millennium B.C.

The authors revisit the theme of their paper presented at the international congress of Rock Art (IFRAO 2015), based on later identification of other materials from the same site found in the reserves of the National Museum of Archaeology in Lisbon.

KEY WORDS: Copper age; Engraved schist plaques; Habitat.

RÉSUMÉ

Présentation d'un ensemble de plaques de schiste gravées recueillies dans le Castelo de Pavia (Mora), un habitat chalcolithique alentejan typique, potentiellement fortifié et occupé depuis le 3ème millénaire av. J.-C.

Les auteurs reprennent une thématique traitée entretemps lors d'une communication présentée dans un congrès international d'art rupestre (IFRAO 2015), basée sur l'identification postérieure d'autres matériaux du même habitat dans les réserves du Musée National d'Archéologie, à Lisbonne.

MOTS CLÉS: Âge du Cuivre; Plaques de schiste gravées; Habitat.

¹ UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Projecto PLACA-NOSTRA; Fundação para a Ciência e Tecnologia (marcoandrade@campus.ul.pt).

^{II} UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; Fundação para a Ciência e Tecnologia (catarinacosteira@gmail.com).

^{III} Município do Redondo (rmataloto@gmail.com).

Por opção dos autores, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

presente como aditamento ao mesmo – apresentando assim o estudo individual das placas de xisto gravadas do Castelo de Pavia pertencentes ao acervo do Museu Nacional de Arqueologia, sendo a sua presença neste povoado incluída nas linhas interpretativas entretanto avançadas.

Não sendo este o local para debater os possíveis significados das placas de xisto gravadas, a nível de iconografia e imagética, abster-nos-emos de comentar aqui tais problemáticas (discutidas, entre outros títulos, em BUENO RAMÍREZ, 1992 e 2010; ANDRADE, 2015; GONÇALVES, 2004 e 2006; LILLIOS, 2002 e 2010).

2. O CASTELO DE PAVIA E O 3º MILÉNIO A.N.E. NO INTERIOR ALENTEJANO

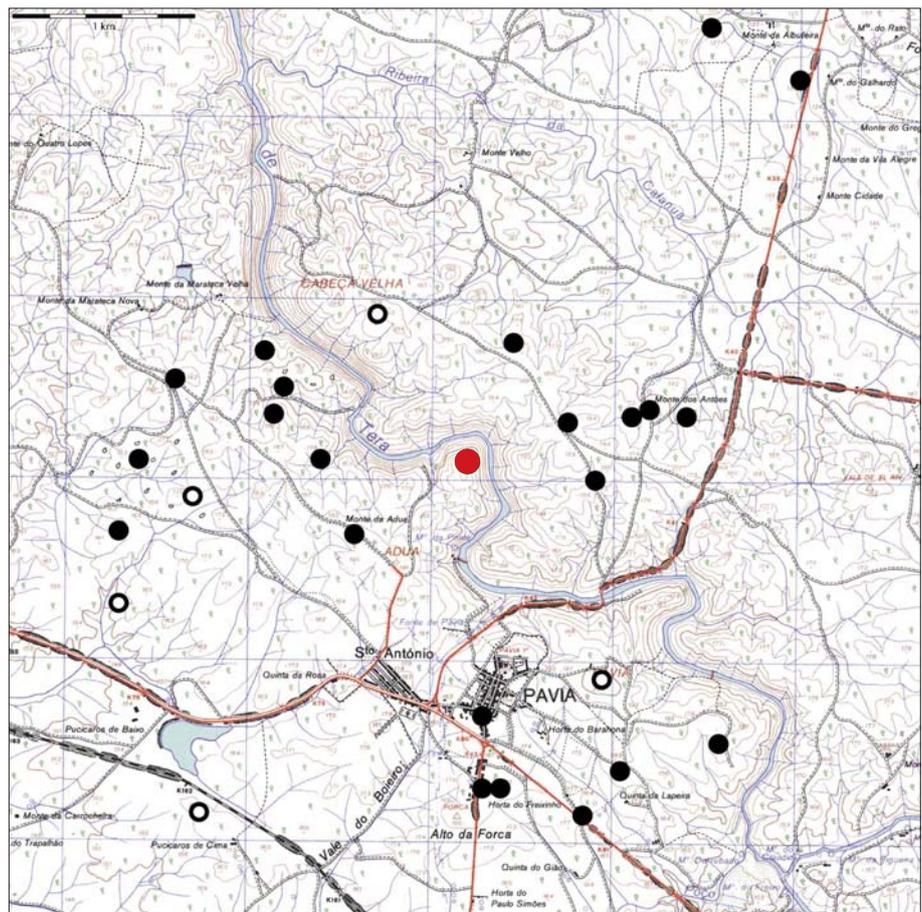
O Castelo de Pavia trata-se de um povoado calcolítico identificado e escavado por Vergílio Correia nas primaveras de 1914, 1915 e 1918, durante os seus trabalhos de inventariação e escavação dos monumentos megalíticos da área de Pavia, Mora (Alto Alentejo).

Instala-se sobre um esporão elevado, de encostas íngremes, dominando um meandro da Ribeira de Tera numa área em que o curso desta linha de água se encontra muito encaixado, revelando óbvias preocupações de carácter defensivo. Reforçando esta evidente defensibilidade natural, uma potencial estrutura de fortificação foi reconhecida neste povoado. Com efeito, Vergílio Correia refere que, cercando a área central do cabeço, foi identificado um «muro» de pedra seca com cerca de 1 m de espessura, formando uma espécie de recinto amuralhado (CORREIA, 1921, p.12). No interior deste recinto, reconheceu igualmente manchas de sedimento enegrecido de contorno semi-circular ou elíptico, com material arqueológico, que interpretou como vestígios de cabanas calcolíticas.



FIGS. 1 A 3 – À esquerda, situação do Castelo de Pavia no Extremo Ocidente peninsular.

Em baixo, vista do Castelo de Pavia a partir da margem oposta da Ribeira de Tera e situação do sítio (círculo vermelho, ao centro) na folha n.º 409 da *Carta Militar de Portugal* (escala 1: 25000), com indicação dos monumentos megalíticos (círculos cheios) e povoados (círculos vazios) localizados na sua envolvente imediata. Posição de monumentos e sítios de acordo com as coordenadas apresentadas em ROCHA, 1999.



As características tipológicas do abundante espólio recolhido durante os trabalhos de Vergílio Correia permitem apontar uma ocupação sólida atribuível ao Calcolítico pleno, embora as características particulares de alguns elementos (nomeadamente, alguns bordos almendra-

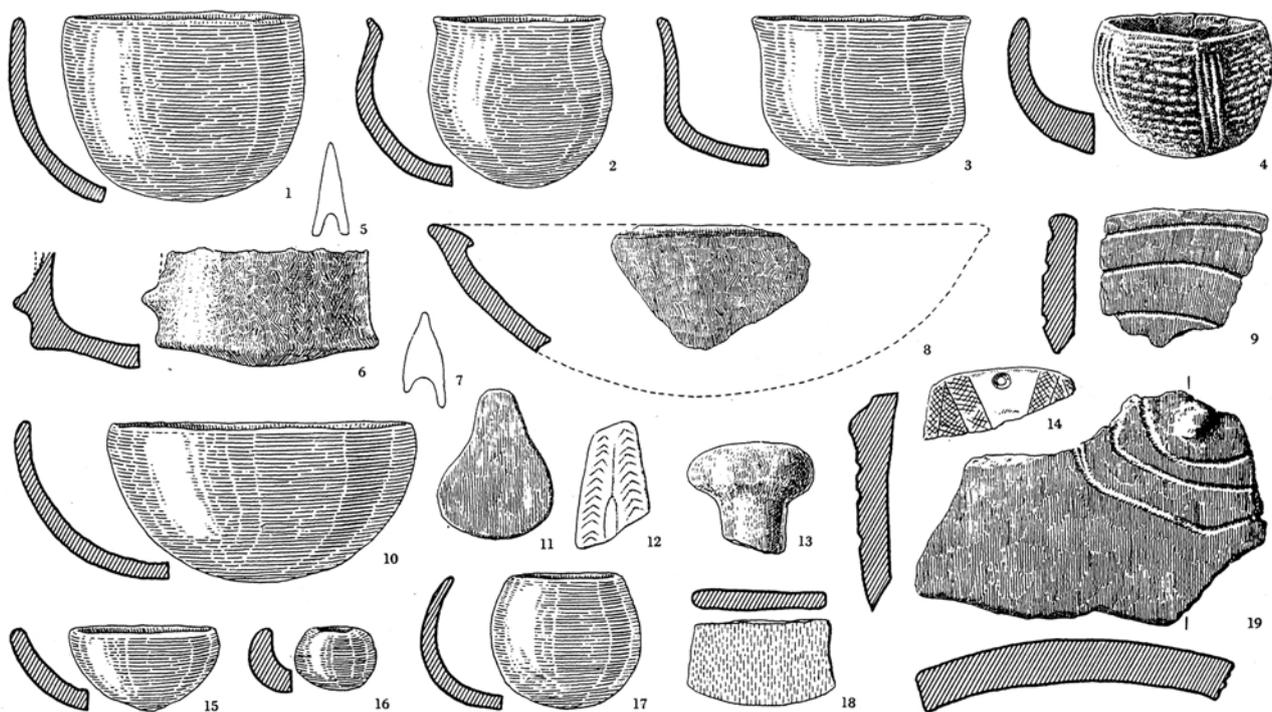


FIG. 4 – Amostra do espólio recolhido no Castelo de Pavia (exceptuando o n.º 8, proveniente do Castelo de Brissos), segundo LEISNER e LEISNER, 1959: Taf. 24.

dos mais típicos) permitam sugerir, com as reservas devidas a uma observação superficial deste espólio, ocupações que se poderão referir a um momento inicial do Calcolítico (CORREIA, 1921: 11-24; LEISNER e LEISNER, 1959: 116-118; ROCHA, 1999). Estando aparentemente ausentes as típicas grandes taças carenadas do Neolítico final, as ocupações do Castelo de Pavia não poderão assim recuar para além do Calcolítico inicial.

Destacam-se, na generalidade do conjunto, componentes tipicamente calcolíticos, como os elementos de mó, os numerosos artefactos de pedra polida (entre os quais, exemplares de fibrolite), as grandes lâminas de sílex retocadas, as pontas de seta de sílex de base côncava e de aletas, os numerosos pratos de bordo espessado, a cerâmica com decoração simbólica, as muitas dezenas de elementos de tear (crescentes e placas, variando estes últimos entre exemplares com dimensões que se estendem entre os 12 cm e os 4 cm de comprimento). A metalurgia do cobre encontra-se atestada pela recolha de artefactos metálicos (gume de machado, punção, lâmina) e de um algarviz de barro, assim como pela identificação localizada de escórias de cobre, indicando uma possível área de actividade metalúrgica (CORREIA, 1921: 24).

Serão de referir, igualmente, os numerosos nódulos de “cerâmica de revestimento”, alguns de grandes dimensões, conservando negativos de caules.

Em termos da provável rede de povoamento em que se incluiria o Castelo de Pavia (a nível local, obviamente), será de referir a presença na sua envolvente imediata de diversos pequenos sítios mal caracterizados, destacando-se o caso do sítio de Pavia (a pouco mais de 1 km a Sudeste), onde também se recolheu um fragmento de placa de xisto gravada (Endovélico, CNS 12182). Um pouco mais afastados (fora

de um raio de 5 km), encontram-se outros sítios crono-culturalmente coevos melhor caracterizados, como Cabeças de Mora, Castelo de Brissos, Monte da Gonçalves 1, Monte das Oliveiras 4 e Monte do Henrique Soeiro (ROCHA, 1999; CALADO, 2004; CALADO, ROCHA e ALVIM, 2009). Os monumentos megalíticos encontram-se igualmente bem representados, encontrando-se na área imediata do Castelo de Pavia os núcleos de Adúa (a Oeste, ao qual se associa, um pouco mais afastado, o núcleo de Casa Branca-Matalote), Antões (a Este, na margem oposta da Ribeira de Tera) e Pavia-Lapeira-Covatos (a Sudeste), contabilizando cerca de duas dezenas de sepulcros de características arquitectónicas diversas.

O Castelo de Pavia inclui-se assim, a nível arqueográfico, na região do Alto Alentejo – entendida como a área enquadrada entre a Serra de São Mamede e a Serra do Mendro (a Norte e Sul, respectivamente) e entre o curso do Guadiana e a Charneca do Ribatejo (a Este e Oeste, respectivamente). Nesta região, entre a segunda metade do 4º milénio e a primeira do 3º milénio a.n.e. regista-se uma importante transformação dos modelos de povoamento, reflectindo um intenso crescimento das dinâmicas populacionais, demográficas e culturais em relação a períodos crono-culturais antecedentes.

Os últimos séculos do 4º milénio a.n.e. caracterizam-se pela emergência de sítios de pequena / média dimensão instalados em áreas abertas, geralmente dotados de fossos (tais como Juromenha 1, Ponte da Azambuja 2, primeiras fases de Perdigões, Águas Frias e Moreiros 2),

a par de outros pequenos sítios abertos associados. Na transição do 4º para o 3º milénio a.n.e. (e primeira metade deste), reconhece-se uma certa tendência agregadora da população, com abandono de muitos destes sítios e concentração do povoamento noutras, formando grandes aglomerados (como Perdigões), registando-se nas margens destes territórios uma rede de povoados de altura, por vezes fortificados (de que poderá ser exemplo, precisamente, o Castelo de Pavia).

A partir da segunda metade do 3º milénio, regista-se a desestruturação deste modelo de povoamento, causando o abandono de muitos destes povoados (MATALOTO e BOAVENTURA, 2009).

A par desta dinâmica populacional, desenvolve-se uma consistente tradição megalítica perfeitamente individualizável no contexto pan-europeu, fundada no Neolítico médio e desenvolvendo-se até a meados do 3º milénio a.n.e., caracterizada principalmente pelos monumentos do eixo Montemor-Évora-Reguengos.

Aqui se reconhecem dois grandes patamares evolutivos distintos, com diferenças cronológicas e culturais (a nível de arquitecturas e mobiliários votivos): um primeiro momento balizado entre o segundo e o terceiro quartel do 4º milénio a.n.e., caracterizado por pequenos sepulcros sem corredor ou com este curto, com mobiliários votivos simples, compostos por artefactos de pedra polida, geométricos, pequenas lâminas não retocadas e ausência ou escassez de recipientes cerâmicos; um segundo momento balizado entre finais do 4º e meados do 3º milénio a.n.e., caracterizado por sepulcros de média e grande dimensão, por vezes de corredor longo, com mobiliários votivos complexos, compostos por abundantes recipientes cerâmicos, pontas bifaciais, grandes lâminas retocadas, placas de xisto gravadas (BOAVENTURA e MATALOTO, 2013).

3. AS PLACAS DE XISTO GRAVADAS DO CASTELO DE PAVIA

Sobre as placas de xisto gravadas do Castelo de Pavia, Vergílio Correia refere somente que recolheu “*fragmentos de algumas, por desgracia sin grande interés*” (CORREIA, 1921: 18), dedicando mais atenção às nu-

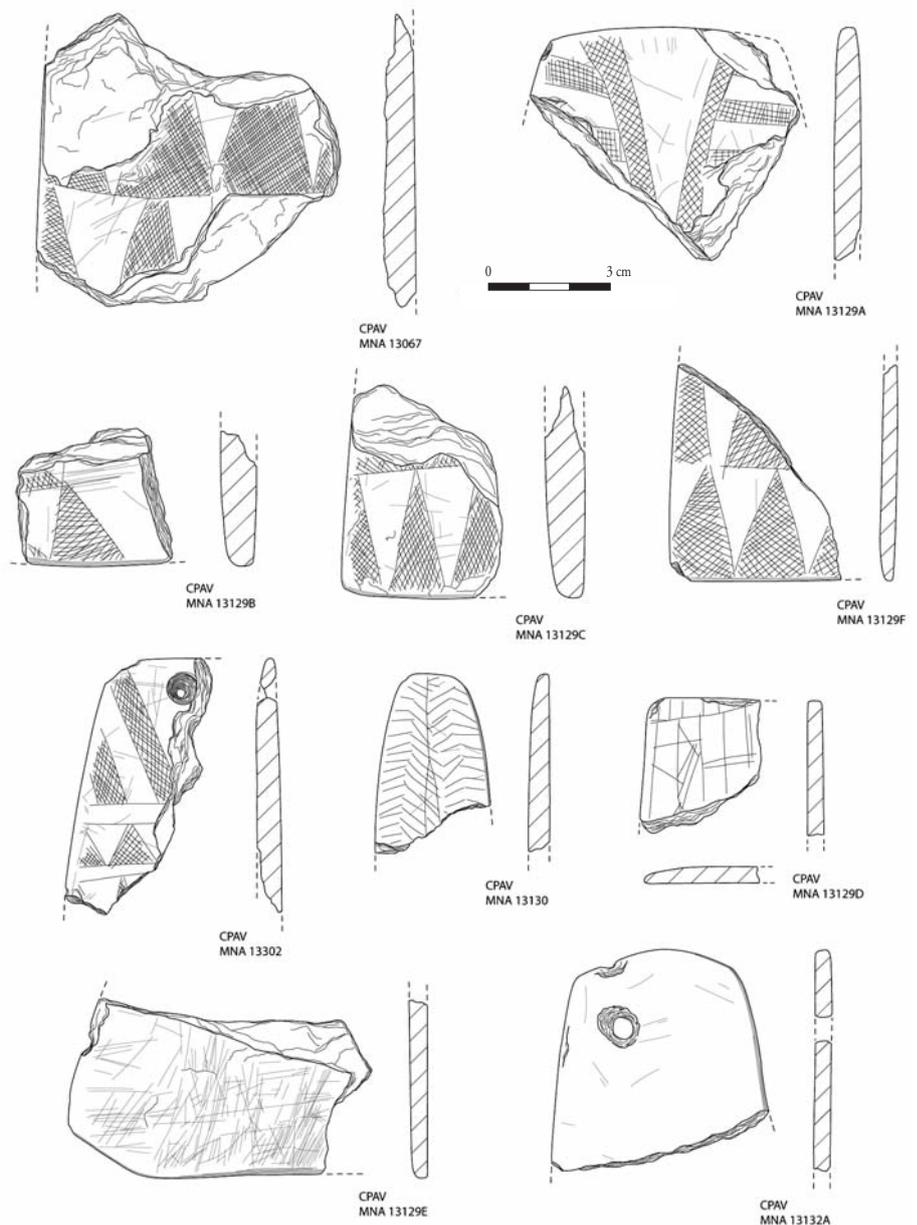


FIG. 5 – Placas de xisto gravadas atribuíveis ao Castelo de Pavia, pertencentes ao acervo do Museu Nacional de Arqueologia.

meras pequenas plaquetas anepígrafas de xisto que identificou disseminadas por toda a área de *habitat* (elementos de integração cronocultural mais problemática, sendo reconhecidos em contextos que se estendem do Neolítico antigo à Idade do Ferro). A análise destas últimas não será assim incluída neste trabalho, dado se afastarem dos contextos específicos de estudo das placas de xisto gravadas.

Assim, e até ao momento, provenientes deste sítio, eram exclusivamente referidos na literatura respectiva os exemplares conservados no Museu Machado de Castro, Coimbra – aí incorporados durante a direcção de Vergílio Correia, após o seu afastamento do Museu Etnológico (actual Museu Nacional de Arqueologia) por alterações com José Leite de Vasconcellos.

Referem-se a sete elementos, correspondendo a três fragmentos decorados com faixas zigzagueantes (um deles com prolongamento do motivo do Corpo para a área da Cabeça, tratando-se de uma placa sem separação entre estes dois campos), três fragmentos decorados com

bandas de triângulos preenchidos e um fragmento de Cabeça (LEISNER e LEISNER, 1959: 117-118). Este, o único graficamente disponível na respectiva literatura, refere-se ao topo de uma placa de xisto gravada conservando a perfuração, com a Cabeça aparentemente decorada com motivo em M, composto por faixas verticais preenchidas junto aos bordos laterais e faixas oblíquas convergentes na parte interna, formando o V interno a “Cabeça dentro da Cabeça” (LEISNER e LEISNER, 1959: Taf. 24).

Durante a revisão, por um dos signatários (MAA), do espólio proveniente do Castelo de Pavia no Museu Nacional de Arqueologia (no âmbito do estudo dos monumentos de Entreáguas, Antões e Oliveira), foram identificados outros exemplares de placas de xisto gravadas atribuíveis a este sítio, a maioria deles inédita (exceptua-se o exemplar MNA 13130, já apresentado em CORREIA, 1921: 18, fig. 7; LEISNER e LEISNER, 1959: Taf. 24). Encontram-se referenciados com os números de inventário MNA 13067, 13129A a F, 13130, 13132A e 13302?. Não foram, contudo, localizados os exemplares MNA 13129G e H, igualmente atribuíveis a placas de xisto gravadas nas notas de inventário do Museu Nacional de Arqueologia.

Descrevem-se da seguinte forma:

MNA 13067

Fragmento mesial de placa de xisto gravada, decorada com bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima, estando apenas duas conservadas. Na banda que se encontra relativamente conservada na quase totalidade da sua extensão, é possível observar que se compõe por cinco triângulos, estando truncados aqueles gravados junto aos bordos da placa.

Apresenta cerca de 7,3 cm de largura para cerca de 7,2 cm de comprimento conservado, possuindo uma espessura média de cerca de 0,7 cm.

MNA 13129A

Fragmento distal de placa de xisto gravada, conservando o terço superior da Cabeça. Esta, não perfurada, encontra-se decorada com duas faixas verticais-oblíquas preenchidas, sensivelmente curvilíneas, formando a “Cabeça dentro da Cabeça”, ladeada por faixas horizontais preenchidas (duas em ambos lados). A decoração do Corpo, assim como o Separador entre este e a Cabeça, não são perceptíveis (por fractura da peça).



FIG. 6 – Placas de xisto gravadas atribuíveis ao Castelo de Pavia, pertencentes ao acervo do Museu Nacional de Arqueologia (MNA 13067, 13129A, 13302, 13129E, 13129C e 13129B).

Apresenta cerca de 6,4 cm de largura para cerca de 5,7 cm de comprimento conservado, possuindo uma espessura média de cerca de 0,6 cm.

MNA 13129B

Fragmento proximal de placa de xisto gravada, conservando parte do bordo inferior. Encontra-se decorada com bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima (duas perceptíveis). Corresponde à área central da base de uma placa de xisto, não sendo descritíveis a largura e o comprimento real aproximado.

Apresenta assim cerca de 3,6 cm de largura conservada, para cerca de 3,4 cm de comprimento conservado, possuindo uma espessura média de cerca de 0,9 cm.

MNA 13129C

Fragmento proximal de placa de xisto gravada, conservando a extremidade inferior esquerda. Encontra-se decorada com bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima (duas perceptíveis). Não são

descritíveis a largura e o comprimento real aproximado.

Apresenta assim cerca de 3,9 cm de largura conservada, para cerca de 5,3 cm de comprimento conservado, possuindo uma espessura média de cerca de 1 cm.

MNA 13129D

Fragmento proximal de placa de xisto gravada, conservando a extremidade superior esquerda. Apresenta decoração aparentemente não estruturada, podendo corresponder a um ensaio de gravação (possivelmente, de motivo em xadrez). A dimensão do fragmento não permite grandes considerações, sendo apenas de referir o curioso facto de apresentar polimento sobre fractura no bordo superior, cortando a gravação – podendo assim corresponder a um fragmento de placa reaproveitada.

Apresenta assim cerca de 2,9 cm de largura conservada, para cerca de 3,4 cm de comprimento conservado, possuindo uma espessura média de cerca de 0,4 cm.



FIG. 7 – A pequena placa de xisto gravada MNA 13130, possível reaproveitamento da área da empunhadura de um báculo.



FIG. 8 – Fragmento de possível esboço de placa de xisto gravada MNA 13129D, com gravação aparentemente caótica e reaproveitada por repolimento no bordo superior.



FIG. 9 – Fragmento de possível esboço de placa de xisto MNA 13129E, anepígrafa, com traços de polimento visíveis.



FIG. 10 – Fragmento de placa de xisto anepígrafa MNA 13132A, com perfuração descentrada executada por percussão.

MNA 13129E

Fragmento proximal de placa de xisto gravada, conservando grande parte da extremidade inferior esquerda. Apresenta traços caóticos dispostos em várias direcções, aparentando tratar-se de traços resultantes do polimento da peça e não de gravação propriamente dita – podendo assim corresponder a um exemplar inacabado de placa de xisto. Não são descritíveis a largura e o comprimento real aproximado.

Apresenta assim cerca de 7,4 cm de largura conservada, para cerca de 4,4 cm de comprimento conservado, possuindo uma espessura média de cerca de 0,5 cm.

MNA 13129F

Fragmento proximal de placa de xisto gravada, conservando a extremidade inferior esquerda. Encontra-se decorada com bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima (duas perceptíveis). Não são descritíveis a largura e o comprimento real aproximado.

Apresenta assim cerca de 3,9 cm de largura conservada, para cerca de 5,3 cm de comprimento conservado, possuindo uma espessura média de cerca de 0,4 cm.

MNA 13130

Fragmento de pequena placa de xisto gravada, decorada com duas seqüências de linhas quebradas compartimentadas por uma linha central que se bifurca no sentido vertical descendente da peça.

Pelas suas características morfológicas, poderá tratar-se da base da empunhadura de um báculo reaproveitado (sendo a gravação efectuada por alturas do reaproveitamento, dado se encontrar normalmente lisa na larga maioria dos exemplos completos conhecidos).

Apresenta assim cerca de 2,7 cm de largura conservada, para cerca de 4,4 cm de comprimento conservado, possuindo uma espessura média de cerca de 0,5 cm.

MNA 13132A

Não se trata propriamente de uma placa de xisto gravada, não correspondendo igualmente a uma das plaquetas de xisto anepígrafas referidas acima.

Não se encontra gravada, tendo os bordos conformados por polimento, sendo este sumário nas faces. Possui uma perfuração descentrada realizada por percussão.

Apresenta cerca de 5,3 cm de largura conservada, para cerca de 5,4 cm de comprimento conservado, possuindo uma espessura média de cerca de 0,4 cm. A perfuração, cilíndrica, apresenta cerca de 0,5 cm de diâmetro.

MNA 13302 ?

Fragmento distal de placa de xisto gravada, conservando a extremidade superior esquerda, conservando parte da Cabeça, do Separador Cabeça-Corpo e do Corpo. A Cabeça encontra-se decorada, na parte conservada, por duas faixas oblíquas preenchidas (formando a interior a “Cabeça dentro da Cabeça”. O Separador Cabeça-Corpo forma-se por uma banda de triângulos preenchidos com o vértice para cima, encimada e rematada por faixas lisas. A decoração do Corpo compõe-se por bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima (uma única conservada). Conserva uma perfuração. Não são descritíveis a largura e o comprimento real aproximado.

Apresenta assim cerca de 3,3 cm de largura conservada, para cerca de 6,4 cm de comprimento conservado, possuindo uma espessura média de cerca de 0,6 cm. A perfuração, bi-troncocónica, apresenta cerca de 0,6 cm de diâmetro na Face e cerca de 0,5 cm de diâmetro no verso.

4. CONCLUINDO: O CASTELO DE PAVIA NO CONTEXTO DOS POVOADOS COM PLACAS DE XISTO GRAVADAS NO SUDOESTE PENINSULAR

Como já salientado anteriormente (ANDRADE, COSTEIRA e MATALOTO, 2015), não é de todo invulgar a presença de placas de xisto gravadas em contextos de povoado do Neolítico final e Calcolítico na área do Sudoeste peninsular. Na área do Alto Alentejo (e especificamente na área do Alentejo central, assumida como o foco de difusão destes elementos e dos rituais a eles associados), a sua presença distribui-se por um número ainda considerável de ocorrências – contabilizando-se até ao momento (e de acordo com a informação disponível) cerca de 17 povoados onde se recolheram placas de xisto gravadas. Nada a contrapor neste sentido, porque apesar de se tratar de manifestos objectos para *mortos*, seriam obviamente produzidos e manuseados por *vivos* e, conseqüentemente, em espaços de *vivos*...

Neste conjunto de sítios destaca-se o Castelo de Pavia, onde se recolheram quase duas dezenas de exemplares (entre os elementos do Museu Machado de Castro e do Museu Nacional de Arqueologia), uma quantidade ainda assim notável, tendo em conta o que se conhece para outros sítios crono-culturalmente coevos com placas de xisto gravadas (descontando o caso de Águas Frias, obviamente).

As placas de xisto gravadas estão assim presentes, nesta área, em povoados com características distintas, seja a nível tipológico/funcional ou a nível cronológico – o que poderá reflectir a possível transversalidade cronológica e cultural das placas de xisto gravadas, não necessa-

riamente entendidas nos mesmos moldes simbólicos.

Foram identificadas em sítios aparentemente abertos, sítios muralhados e sítios delimitados por fossos. Do primeiro caso são exemplos os sítios de Serra 1 (PONTIS, 1999), Fontalva (PAÇO, FERREIRA e VIANA, 1957), Horta da Vinagreira (VIANA e DEUS, 1957), Terrugem (CALADO, 2001), Candeeira 1 (CALADO, 2001; CALADO e MATALOTO, 2001) ou Celeirões (OLIVEIRA, 1996-1997); do segundo caso são exemplo os sítios de São Pedro (MATALOTO, ESTRELA e ALVES, 2007; MATALOTO, 2010), Porto das Carretas (SOARES, 2013) e possivelmente Castelo de Vidais (LEISNER e LEISNER, 1959), Castelo de Pavia (CORREIA, 1921; ROCHA, 1999) e Fonte Ferrenha (CALADO, 2001; CALADO e MATALOTO, 2001); do último caso são exemplo os sítios de Moreiros 2 (BOAVENTURA, 2006; VALERA, BECKER e BOAVENTURA, 2013), Santa Vitória (DIAS, 1994, 1996 e 2001), Águas Frias (CALADO, 2004; CALADO e ROCHA, 2007; CALADO e ROQUE, 2013; GONÇALVES, 2013), Montoito (trabalhos recentes de RM), Perdigões (LAGO *et al.*, 1998; VALERA *et al.*, 2008; VALERA e EVANGELISTA, 2014) e Ponte da Azambuja 2 (RODRIGUES, 2008 e 2013).

Para além destas divergências tipológicas / funcionais dos povoados onde se recolheram placas de xisto gravadas, evidencia-se igualmente a sua presença em contextos estratigráficos ou estruturais divergentes. Referindo apenas aqueles com cronologias absolutas ou com cronologias relativas fiáveis, encontram-se em contextos datados tanto do último quartel do 4º e inícios do 3º milénio a.n.e. – como Porto das Carretas (SOARES, 2013), Moreiros 2 (BOAVENTURA, 2006; VALERA, BECKER e BOAVENTURA, 2013), Santa Vitória (DIAS, 1994, 1996 e 2001), Águas Frias (CALADO, 2004; CALADO e ROCHA, 2007; CALADO e ROQUE, 2013; GONÇALVES, 2013), Perdigões (VALERA *et al.*, 2014; informação pessoal de António Valera, 2015), Ponte da Azambuja 2 (RODRIGUES, 2008 e 2013) –, como também datados de meados do 3º milénios a.n.e. adiante – como São Pedro (MATALOTO, ESTRELA e ALVES, 2007; MATALOTO, 2010) e possivelmente Fonte Ferrenha (CALADO, 2001; CALADO e MATALOTO, 2001) e talvez também o Castelo de Pavia (LEISNER e LEISNER, 1959; ROCHA, 1999), embora ocupações relativas ao Calcolítico inicial poderão ser igualmente sugeridas.

A distribuição destes elementos em contextos de povoado estende-se para além da área fulcral das placas de xisto gravadas, mas coincidindo sensivelmente com a distribuição genérica destes artefactos em contextos funerários, sendo particularmente interessante a sua concentração nas penínsulas de Lisboa e Setúbal, onde não existe xisto e para onde os artefactos teriam que ser obviamente transportados, como esboços ou como objectos já acabados. Seja como for, esta curiosa concentração na área estremenha poderá ser explicada por contingências de investigação (havendo um maior volume de informação disponível em relação a outros contextos geográficos).

No restante Sudoeste peninsular, a situação afigura-se idêntica àquela observada no Alto Alentejo, estando as placas de xisto gravadas re-

gistadas igualmente em sítios com características distintas a nível tipológico / funcional e cronológico. Estão assim presentes em sítios abertos como Vale de Lobos (VALENTE, 2006), Espargueira-Serra das Éguas (LEITÃO, NORTH e FERREIRA, 1973; MIRANDA *et al.*, 1999; ENCARNÇÃO, 2010), Carnaxide (ANDRADE e GOMES, 1959), Parede (PAÇO, 1964), Pedrão (SOARES e SILVA, 1975), Moinho da Fonte do Sol (SANTOS, 2010), Sala #1 (GONÇALVES, 1987), em sítios muralhados como Outeiro de São Mamede (CARDOSO e CARREIRA, 2003), Zambujal (SANGMEISTER, SCHUBART e TRINDADE, 1970 e 1971), Penedo do Lexim (SOUSA, 2010), Vila Nova de São Pedro (PAÇO e JALHAY, 1942 e 1943; JALHAY e PAÇO, 1945; ARNAUD *et al.*, 2005), Leceia (CARDOSO, 1997), Outeiro Redondo (CARDOSO, 2009), Monte da Tumba (SILVA e SOARES, 1987) ou sítios delimitados por fossos como Cabeço do Pé da Erra (GONÇALVES, 1983-1984; GONÇALVES e SOUSA, 2014), Porto Torrão (VALERA e FILIPE, 2004; ROCHA *et al.*, 2011), La Pijotilla (HURTADO, 1981 e 1987), El Lobo (MOLINA LEMOS, 1980), Papa Uvas (MARTÍN DE LA CRUZ, 1985), Valencina de la Concepción (PAJUELO PANDO e LÓPEZ ALDANA, 2013)

A nível cronológico, registam-se também em sítios ocupados em finais do 4º / inícios do 3º milénio a.n.e. e sítios ocupados durante todo o 3º milénio a.n.e., e mesmo do seu último quartel, como Penha Verde (CARDOSO, 2010-2011).

Daqueles que dispõem de contextos de recolha conhecidos, possibilitando atribuição crono-cultural fiável, destacam-se os casos de Vale de Lobos (fragmento de placa de xisto gravada recuperada em contextos de ocupação datados de finais do 4º / inícios do 3º milénio a.n.e., segundo VALENTE, 2006), Espargueira-Serra das Éguas (vários fragmentos de placas de xisto gravadas recolhidas em estrato datado de finais do 4º / inícios do 3º milénio a.n.e., segundo ENCARNÇÃO, 2010), Cabeço do Pé da Erra (fragmentos de placa de xisto gravadas, lajes anepígrafas e lascas resultantes da sua conformação associadas a estrutura datada do primeiro terço do 3º milénio a.n.e., segundo GONÇALVES, 1983-1984 e 1989), Sala #1 (fragmentos de placas de xisto gravadas e placa anepígrafa recolhidas em estrato datado da primeira metade do 3º milénio a.n.e., segundo GONÇALVES, 1987), Monte da Tumba (recolha de fragmento de placa de xisto gravada em estrato datado de finais do 4º / inícios do 3º milénio a.n.e., segundo SILVA e SOARES, 1987), Papa Uvas (fragmentos de placas de xisto gravadas recolhidas no interior de fosso em estrato datado da segunda metade do 4º milénio a.n.e., segundo MARTÍN DE LA CRUZ, 1985), El Lobo (fragmento de placa de xisto gravada recolhida em “fundo de cabana” associado a espólio atribuível ao Calcolítico inicial, segundo MOLINA LEMOS, 1980), Valencina de la Concepción (fragmentos de placas de xisto gravadas recolhidas em “fundo de cabana” associados a espólio de meados do 3º milénio a.n.e. anterior ao campaniforme, segundo PAJUELO PANDO e LÓPEZ ALDANA, 2013), Penedo do Lexim (fragmentos de placas de xisto gravadas recolhidos em níveis de derrube e lixeira do Calcolítico pleno, segundo SOUSA, 2010) e Porto Torrão (frag-

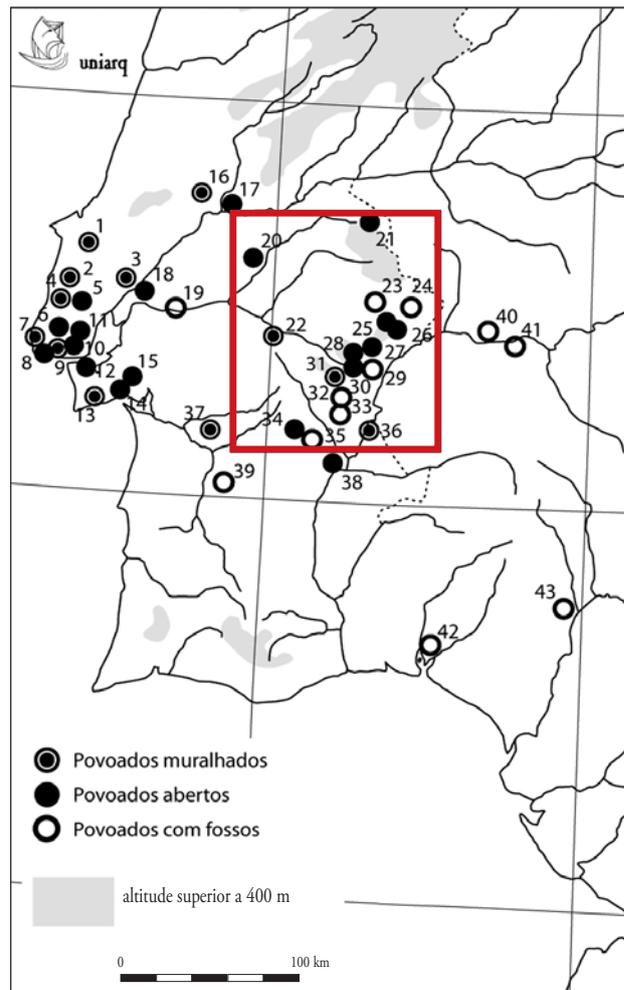


FIG. 11 – Contextos habitacionais com placas de xisto gravadas no Sudoeste peninsular (o rectângulo indica a área do Alto Alentejo, entendida como a região compreendida entre a Serra de São Mamede e a Serra do Mendro e entre o curso da Guadiana e a Charneca do Ribatejo).

1. Outeiro de São Mamede, Bombarral; 2. Zambujal, Torres Vedras;
3. Vila Nova de São Pedro, Azambuja; 4. Penedo do Lexim, Mafra;
5. Negrals, Sintra; 6. Vale de Lobos, Sintra; 7. Penha Verde, Sintra;
8. Parede, Cascais; 9. Leceia, Oeiras; 10. Carnaxide, Oeiras;
11. Espargueira/Serra das Éguas, Amadora;
12. Quinta da Torre, Almada; 13. Outeiro Redondo, Sesimbra;
14. Pedrão, Setúbal; 15. Fonte do Sol, Palmela;
16. Fonte Quente 2, Tomar; 17. Cova dos Castanheiros, Constância;
18. Porto do Sabugueiro (Alqueve 1), Salvaterra de Magos;
19. Cabeço do Pé da Erra, Coruche; 20. Serra 1, Ponte de Sôr;
21. Castelo de Vidas, Castelo de Vide; 22. Castelo de Pavia, Mora;
23. Moreiros 2, Arronches; 24. Santa Vitória, Campo Maior;
25. Fontalva, Elvas; 26. Horta da Vinagreira, Elvas;
27. Terrugem, Elvas; 28. Candeeira 1, Redondo;
29. Água Frias, Alandroal; 30. Fonte Ferranha, Alandroal;
31. São Pedro, Redondo; 32. Montoito, Redondo;
33. Perdígões, Reguengos de Monsaraz; 34. Celeirões, Portel;
35. Ponte da Azambuja 2, Portel; 36. Porto das Carretas, Mourão;
37. Monte da Tumba, Alcácer do Sal; 38. Sala n.º 1, Vidigueira;
39. Porto Torrão, Ferreira do Alentejo; 40. El Lobo, Badajoz;
41. La Pijotilla, Badajoz; 42. Papa Uvas, Huelva;
43. Valencina de la Concepción, Sevilha.

mentos de placas de xisto gravadas e possível esboço recolhidos em níveis de lixeira do Calcolítico pleno, segundo ROCHA *et al.*, 2011, e no interior de fosso sobrejacente a níveis com campaniforme datados de finais do 3º milénio a.n.e., segundo VALERA, 2013).

Sobre a presença de placas de xisto gravadas em contexto de povoado, várias hipóteses explicativas poderão ser avançadas. Desde logo, poderemos sugerir a utilização funerária em áreas *intra-habitat* – prática bem atestada no Sudoeste peninsular, principalmente em sítios delimitados por fossos (embora raramente com placas de xisto gravadas associadas).

Excluindo-se os povoados com necrópoles anexas nas quais se recolheram placas de xisto gravadas, como Perdígões (LAGO *et al.*, 1998; VALERA e EVANGELISTA, 2014), Granja de Céspedes (ALMAGRO BASCH, 1961-1962), La Pijotilla (HURTADO, 1987) ou Valencina de la Concepción (FERNANDEZ GÓMEZ e RUÍZ MATA, 1978), esta hipótese apenas se encontra confirmada sem reservas no Porto Torrão, tendo-se identificado uma inumação em fossa acompanhada por uma placa de xisto gravada no espaço interior do povoado (NETO *et al.*, 2013). Contudo, poderá ser igualmente sugerida para o caso do Castelo de Vidais: não sendo conhecida a proveniência exacta das placas de xisto gravadas aqui recolhidas, estas poderão ser procedentes dos abrigos contíguos onde se registam enterramentos calcolíticos (IMPORTANTES DESCOBERTAS..., 1979), o que o seu estado de conservação permite supor (LEISNER e LEISNER, 1959). Com efeito, a presença de placas inteiras poderia insinuar a presença de práticas funerárias no interior do povoado – no entanto, nos casos de Porto das Carretas (SOARES, 2013) e Pedrão (SOARES e SILVA, 1975), esta hipótese não foi confirmada em escavação.

Uma outra hipótese permite equacionar a existência de áreas de produção (*ateliês*) em áreas específicas do povoado. Esta realidade está confirmada em larga escala em Águas Frias, o único grande centro de produção de placas de xisto gravadas reconhecido até ao momento no Sudoeste peninsular e onde se recolheram exemplares em todos os estádios de fabrico (CALADO, 2004; CALADO e ROCHA, 2007; CALADO e ROQUE, 2013; GONÇALVES, 2013). Está confirmada em pequena escala ou sugerida (pela recolha de esboços ou lascas resultantes da conformação de suportes) no Cabeço do Pé da Erra (GONÇALVES, 1983-1984), Sala #1 (GONÇALVES, 1987), Moreiros 2 (BOAVENTURA, 2006), Candeeira 1 (CALADO, 2001; CALADO e MATALOTO, 2001) e Perdígões (informação pessoal de António Valera, 2015), não atingindo aparentemente o mesmo nível de *especialização* de Águas Frias. Os elementos recolhidos nos restantes povoados correspondem a exemplares fracturados, mas terminados – não se tratando assim de esboços ou exemplares em fase de gravação. Não revelam assim claros contextos de produção, pelo que esta hipótese não será tão defensável para estes casos.

Uma última hipótese, mais prosaica, poderá referir-se unicamente à recuperação e reintrodução de artefactos em povoados (como *reli-*

quias), podendo ter sido recuperados durante o reuso de sepulcros, prática sobejamente documentada no Sudoeste peninsular durante todo o 3º milénio a.n.e., sendo de mencionar, neste sentido, que a maioria destes sítios se localiza próximo a contextos funerários com placas de xisto gravadas. Poderão assim ter sido fragmentadas durante o reuso de sepulcros e transportadas para a área de *habitat* como “curiosidade” ou simplesmente terem sido fragmentadas já em espaço de *habitat* por fenómenos pós-deposicionais não identificados.

A presença de placas reaproveitadas (assumidas como placas de *segunda geração*) em alguns destes povoados poderia concorrer para a defesa desta hipótese, podendo ser esta a evidência da sua reutilização tardia – potencialmente indicada nos exemplares reaproveitados recolhidos em sítios com ocupações que se estendem por todo o 3º milénio a.n.e., como Vila Nova de São Pedro (ARNAUD *et al.*, 2005), Carnaxide (ANDRADE e GOMES, 1959), Porto Torrão (ROCHA *et al.*, 2011) ou La Pijotilla (HURTADO, 1981). No entanto, para o exemplar de Ponte da Azambuja 2, registando uma ocupação exclusiva do último quartel do 4º milénio a.n.e. (RODRIGUES, 2008), esta explicação não parece tão linear. Da mesma maneira, existem exemplares reaproveitados em contextos funerários datáveis de um momento pleno do Megalitismo (GONÇALVES, PEREIRA e ANDRADE, 2003; LILLIOS, 2010), pelo que não se poderá justificar este reaproveitamento por reutilizações de artefactos em etapas mais tardias.

No caso específico do Castelo de Pavia, apenas a segunda e terceira hipóteses são defensáveis sem reservas. Os artefactos MNA 13129D e 13129E referem-se claramente a esboços, o primeiro apresentando gravação caótica (possível ensaio de decoração), o segundo apenas conformado e polido (não se encontrando gravado). Apesar de não se conhecerem elementos resultantes da produção específica de placas de xisto gravadas no Castelo de Pavia (tais como lascas de conformação, talvez não recolhidos durante a escavação), estes elementos poderão indicar a produção de placas de xisto gravadas na área do povoado, sendo de mencionar igualmente o facto de o exemplar MNA 13129D se tratar igualmente de um artefacto reaproveitado, apresentando polimento posterior à gravação (cortando-a) no bordo superior. Refira-se ainda neste âmbito, e a título de simples curiosidade, a ocorrência de formações de xistos ardosianos silúricos a poucos quilómetros a Este do povoado, estando assim localmente disponível a matéria-prima para a sua produção.

Para a defesa da segunda hipótese, conta-se especificamente com as características dos restantes elementos, tratando-se de exemplares nitidamente terminados. Poderão assim ter sido recuperados de alguns dos sepulcros megalíticos localizados no seu entorno, durante o possível reuso dos espaços. Citando apenas os exemplos mais próximos, conhecem-se placas de xisto gravadas nos monumentos de São Dionísio, Lapeira 1, Forca Velha, Antões 3, Matalote 1 e Casa Branca 3 (LEISNER e LEISNER, 1959).

Desta maneira, o Castelo de Pavia inscreve-se (e com relativo destaque, tendo em conta o número de elementos recolhidos) no conjunto de povoados do Neolítico final e Calcolítico com placas de xisto gravadas do Sudoeste peninsular, podendo a sua presença ser explicada pelas circunstâncias acima enunciadas, a primeira talvez atribuível

a um primeiro momento do povoado, reportável ao Calcolítico inicial, e a segunda a um momento mais tardio, já do Calcolítico pleno. No entanto, trata-se apenas de linhas interpretativas teóricas, sendo necessários outros elementos de análise para comprovar ou refutar as observações acima apresentadas. 

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO BASCH, M. (1961-1962) – “Un Ajuar Dolménico Excepcional Procedente de la Granja de Céspedes de Badajoz”. In *Homenaje a C. Mergelina*. Múrcia, pp. 35-82.
- ANDRADE, G. M. e GOMES, J. (1959) – “Estudo Preliminar da Estação Pré-Histórica de Carnaxide”. In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 1, pp. 137-146.
- ANDRADE, M. A. (2015) – “Cherchez la Femme! Iconografia e imagética nas placas de xisto gravadas do Megalitismo do Sudoeste da Península Ibérica”. In COLLADO GIRALDO, H. e GARCÍA ARRANZ, J. J. (eds.). *Symbols in the Landscape: Rock Art and its Context*. Tomar: Instituto Terra e Memória, pp. 1545-1571 (*Proceedings of the XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015, Cáceres, Spain*).
- ANDRADE, M. A.; COSTEIRA, C. e MATALOTO, R. (2015) – “Símbolos de Morte em Espaços de Vida? Sobre a presença de placas de xisto gravadas em povoados do Alto Alentejo, no contexto do Sudoeste peninsular”. In COLLADO GIRALDO, H. e GARCÍA ARRANZ, J. J. (eds.). *Symbols in the Landscape: Rock Art and its Context*. Tomar: Instituto Terra e Memória, pp. 1607-1635 (*Proceedings of the XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015, Cáceres, Spain*).
- ARNAUD, J. M.; GOMES, M. V.; SOARES, A.; FERREIRA, S. e ESTRELA, C. (2005) – “Vila Nova de São Pedro: uma fortificação calcolítica do Litoral Estremenho”. In ARNAUD, J. M. e FERNANDES, C. (coords.). *Construindo a Memória. As coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 141-219.
- BOAVENTURA, R. (2006) – “Os IV e III Milénios a.n.e. na Região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do cluster de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9 (2): 61-73.
- BOAVENTURA, R. e MATALOTO, R. (2013) – “Entre Mortos e Vivos: nótulas acerca da cronologia absoluta do megalitismo do Sul de Portugal”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16: 81-101.
- BUENO RAMÍREZ, P. (1992) – “Les Plaques Décorées Alentéjaines: approche de leur étude et analyse”. *L'Anthropologie*. 96 (2-3): 573-604.
- BUENO RAMÍREZ, P. (2010) – “Ancestros e Imágenes Antropomorfas Muebles en el Ámbito del Megalitismo Occidental: las placas decoradas”. In CACHO, C.; MAICAS, R.; GALÁN, E. e MARTOS, J. A. (coords.). *Ojos que Nunca se Cierran. Ídolos en las primeras sociedades campesinas*. Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 39-77.
- CALADO, M. (1993) – *Carta Arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal.
- CALADO, M. (2001) – *Da Serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de Pré-História regional*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (*Trabalhos de Arqueologia*, 19).
- CALADO, M. (2004) – *Menires do Alentejo Central*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- CALADO, M. e MATALOTO, R. (2001) – *Carta Arqueológica do Redondo*. Redondo: Câmara Municipal.
- CALADO, M. e ROCHA, L. (2007) – “As Primeiras Sociedades Camponesas no Alentejo Central: a evolução do povoamento”. In CERRILLO CUENCA, E. e VALADÉS SERRA, J. M. (eds.). *Los Primeros Campesinos de La Raya: aportaciones recientes al conocimiento del Neolítico y Calcolítico en Extremadura y Alentejo*. Cáceres: Junta de Extremadura, pp. 29-46.
- CALADO, M.; ROCHA, L. e ALVIM, P. (2009) – *O Tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal.
- CALADO, M. e ROQUE, C. (2013) – *Nova Carta Arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal.
- CARDOSO, J. L. (1997) – *O Povoado de Leceia. Sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Oeiras. Câmara Municipal.
- CARDOSO, J. L. (2009) – “Espólios do Povoado Calcolítico Fortificado de Outeiro Redondo (Sesimbra): as colheitas do arq. Gustavo Marques”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12 (1): 73-114.
- CARDOSO, J. L. (2010-2011) – “O Povoado Calcolítico da Penha Verde (Sintra)”. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 18: 467-551.
- CARDOSO, J. L. e CARREIRA, J. R. (2003) – “O Povoado Calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903-1905)”. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 11: 97-228.
- CORREIA, V. (1921) – *El Neolítico de Pavia (Alentejo, Portugal)*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales (edição fac-similada, 1999).
- DIAS, A. C. (1994) – “Povoado de Sta. Vitória”. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 9: 124-125.
- DIAS, A. C. (1996) – *Elementos para o Estudo da Sequência Estratigráfica e Artefactual do Povoado Calcolítico de Santa Vitória*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Policopiado.
- DIAS, A. C. (2001) – “Povoado Pré-Histórico de Santa Vitória (Campo Maior)”. *Estudos / Património*. 1: 73-75.
- ENCARNAÇÃO, G. (2010) – *As Cerâmicas Carenadas do Povoado da Espargueira (Serra das Éguas, Amadora)*. Um contributo para o seu estudo. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- FERNANDEZ GOMEZ, F. e RUIZ MATA, D. (1978) – “El «Tholos» de Cerro de la Cabeza en Valencina de la Concepcion (Sevilla)”. *Trabajos de Prehistoria*. 35: 193-224.
- GONÇALVES, V. S. (1983-1984) – “Cabeço do Pé da Erra (Coruche), contribuição da Campanha 1(83) para o conhecimento do seu povoamento calcolítico”. *Clio / Arqueologia*. 1: 69-75.
- GONÇALVES, V. S. (1987) – “O Povoado Pré-Histórico da Sala n.º 1 (Pedrógão, Vidigueira): notas sobre a campanha 1(88)”. *Portugália*. Nova série. 8: 7-16.
- GONÇALVES, V. S. (1989) – “Manifestações do Sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 1. Deusa(s) Mãe, placas de xisto e cronologias: uma nota preambular”. *Almansor*. 7: 289-302.
- GONÇALVES, V. S. (2004) – “Manifestações do Sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 5. O explícito e o implícito. Breve dissertação, invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e.”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7 (1): 165-183.
- GONÇALVES, V. S. (2006) – “Manifestações do Sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 7. As placas híbridas. Definição do conceito. Alguns poucos exemplos. De novo, os possíveis significados das placas”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9 (2): 27-59.
- GONÇALVES, V. S. (2013) – “Antes de Endovélico... A propósito das placas de xisto gravadas da anta de Santiago Maior e das antas da Herdade dos Galvões (Alandroal, Alentejo)”. *Cadernos de Endovélico*. 1: 105-123.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A. e ANDRADE, M. A. (2003) – “A Propósito do Reaproveitamento de Algumas Placas de Xisto Gravadas da Região de

- Évora”. *O Arqueólogo Português*. 4ª Série. 21: 209-244.
- GONÇALVES, V. S. e SOUSA, A. C. (2014) – “Coruche e as Antigas Sociedades Camponesas”. In *Coruche, o Céu, a Terra e os Homens*. Coruche. Câmara municipal, pp. 29-67.
- HURTADO, V. (1981) – “Los Ídolos Calcolíticos de la Pijotilla (Badajoz)”. *Zephyrus*. 30-31: 165-203.
- HURTADO, V. (1987) – “El Calcolítico en la Cuenca Media del Guadiana y la Necrópolis de la Pijotilla”. In *Actas de la Mesa Redonda sobre Megalitismo Peninsular*. Madrid, pp. 51-75.
- IMPORTANTES DESCOBERTAS Arqueológicas no Povoado da Idade do Cobre de Vidais, Marvão (1979) – *Clio*. 1: 178-179.
- JALHAY, E. e PAÇO, A. (1945) – “El Castro de Vila Nova de San Pedro”. In *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 20: 5-91.
- LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F. e CARVALHO, A. F. (1998) – “Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1 (1): 45-152.
- LEISNER, G. e LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen*. Berlin: Walther de Gruyter. 1: 2.
- LEITÃO, M.; NORTH, C. T. e FERREIRA, O. V. (1973) – “O Povoado Pré-Histórico da Serra da Espargueira (Belas)”. In *Actas das II Jornadas Arqueológicas. Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Vol. 1, pp. 143-157.
- LILLIOS, K. (2002) – “Some new views of the engraved slate plaques of southwest Iberia”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5 (2):135-151.
- LILLIOS, K. (2008) – *Heraldy for the Dead: Memory, Identity and the Engraved Stone Plaques of Neolithic Iberia*. Texas University Press.
- LILLIOS, K. (2010) – “Mnemonic practices of the Iberian Neolithic: The production and use of the engraved slate plaque-relics”. In LILLIOS, K. e TSAMIS, V. (eds.). *Material Mnemonics. Everyday Memory in Prehistoric Europe*. Oxbow Books, pp. 40-72.
- MARTIN DE LA CRUZ, J. C. (1985) – *Papa Uvas I, Aljaraque-Huelva. Campañas de 1976 a 1979*. Madrid: Ministério de Cultura (*Excavaciones Arqueológicas de España*).
- MATALOTO, R. (2010) – “O 3.º-4.º Milénio a.C. no Povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central): fortificação e povoamento na planície centro alentejana”. In GONÇALVES, V. S. e SOUSA, A. C. (eds.). *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.* Cascais: Câmara Municipal, pp. 263-295.
- MATALOTO, R. e BOAVENTURA, R. (2009) – “Entre Vivos e Mortos nos IV e III Milénios a.n.e. do Sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento com base em datações de radiocarbono”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12 (2): 31-77.
- MATALOTO, R.; ESTRELA, S. e ALVES, C. (2007) – “As Fortificações Calcolíticas do São Pedro (Redondo, Alentejo Central, Portugal)”. In CERRILLO CUENCA, E. e VALADÉS SERRA, J. M. (eds.). *Los Primeros Campesinos de La Raya: aportaciones recientes al conocimiento del Neolítico y Calcolítico en Extremadura y Alentejo*. Cáceres: Junta de Extremadura, pp. 113-141.
- MIRANDA, J.; ENCARNACÃO, G.; VIEGAS, J.; ROCHA, E. e GONZALEZ, A (1999) – *Carta Arqueológica da Amadora*. Amadora: Câmara Municipal.
- MOLINA LEMOS, L. (1980) – “El Poblado del Bronce I de El Lobo”. *Noticario Arqueológico Hispanico*. Madrid. 9: 93-127.
- NETO, N.; ROCHA, M.; SANTOS, R. e REBELO, P. (2013) – “Povoado Calcolítico do Porto Torrão: uma inumação em fossa”. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. e NEVES, C. (coords.) – *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 379-385.
- OLIVEIRA, J. (1996-1997) – “O Povoado Calcolítico dos Cealirões, Monte Trigo - Portel. Notícia da sua identificação”. *A Cidade de Évora*. 2ª Série. 2: 25-33.
- PAÇO, A. (1964) – *Povoado Pré-Histórico da Parede (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal.
- PAÇO, A.; FERREIRA, O. V. e VIANA, A. (1957) – “Antiguidades de Fontalva. Neo-eneolítico e época romana”. *Zephyrus*. 8: 111-133.
- PAÇO, A. e JALHAY, E. (1942) – “A Póvoa Eneolítica de Vila Nova de São Pedro. Notas sobre a 3.ª, 4.ª e 5.ª campanhas de escavações - 1939, 1940 e 1941”. *Brotéria*. 36 (6): 635-663.
- PAÇO, A. e JALHAY, E. (1943) – “A Póvoa Eneolítica de Vila Nova de São Pedro. I. Escavações de 1942”. *Brotéria*. 37 (1): 37-59.
- PAJUELO PANDO, A. e LÓPEZ ALDANA, P. (2013) – “Ideología de un Centro de Poder. Nuevos productos ideológicos de Valencina (Sevilla)”. In JIMENÉZ ÁVILA, J.; BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M. e GARCÍA CABEZAS, M. (eds.). *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, pp. 501-519.
- PONTIS (1999) – *Carta Arqueológica de Ponte de Sor*. Ponte de Sor: Câmara Municipal.
- ROCHA, M.; REBELO, P.; SANTOS, R. e NETO, N. (2011) – “Contextos e Objectos Simbólico-Religiosos do Porto Torrão: os ídolos e as placas de xisto”. In CASCALHEIRA, J. e GONÇALVES, C. (eds.). *Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 399-406.
- ROCHA, L. (1999) – *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-História regional*. Mora: Câmara Municipal.
- RODRIGUES, F. (2008) – “O Recinto de Fossos Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora): primeira notícia”. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 2: 49-56.
- RODRIGUES, F. (2013) – “Ídolomania: figuras antropomórficas e “ídolos de cornos” do recinto de fossos do Neolítico final de Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora)”. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. e NEVES, C. (coords.). *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 435-446.
- SANGMEISTER, E.; SCHUBART, H. e TRINDADE, L. (1970) – “Escavações na Fortificação Eneolítica do Zambujal, 1968”. *O Arqueólogo Português*. 3ª Série. 4: 65-114.
- SANGMEISTER, E.; SCHUBART, H. e TRINDADE, L. (1971) – “Escavações na Fortificação da Idade do Cobre do Zambujal – Portugal, 1970”. *O Arqueólogo Português*. 3ª Série. 5: 51-96.
- SANTOS, M. T. (2010) – “Alguns Materiais Inéditos do Moinho da Fonte do Sol das Coleções de Arqueologia do Museu Municipal de Palmela”. *Musa*. 3: 130-136.
- SILVA, C. T. e SOARES, J. (1987) – “O Povoado Fortificado Calcolítico do Monte da Tumba. I. Escavações arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares)”. *Setúbal Arqueológica*. 8: 29-79.
- SOARES, J. (2013) – *Transformações Sociais Durante o III milénio AC no Sul de Portugal: o povoado do Porto das Carretas*. Beja: EDIA / DRCALEN.
- SOARES, J. e SILVA, C. T. (1975) – “A Ocupação Pré-Histórica do Pedrão e o Calcolítico da Região de Setúbal”. *Setúbal Arqueológica*. 1: 53-154.
- SOUSA, A. C. (2010) – *O Penedo do Lexim e a Sequência do Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Dissertação de Doutoramento. Fac. de Letras da Univ. de Lisboa. Policopiado.
- VALENTE, A. (2006) – *Cerâmicas com Bordos Denteados no Povoado de Vale de Lobos (Sintra)*. Dissertação de Mestrado. Fac. de Letras da Univ. de Lisboa. Policopiado.
- VALERA, A. C. (2013) – “Cronologia Absoluta dos Fossos 1 e 2 do Porto Torrão e o Problema da Datação de Estruturas Negativas de «Tipo Fosso»”. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 9: 7-11.
- VALERA, A. C.; LAGO, M.; DUARTE, C.; DIAS, I. e PRUDÊNCIO, I. (2008) – “Investigação no Complexo Arqueológico dos Perdigões: ponto da situação de dados e problemas”. In *A Concepção das Paisagens e dos Espaços na Arqueologia da Península Ibérica*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 53-66 (*Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*).
- VALERA, A. C.; BECKER, H. e BOAVENTURA, R. (2013) – “Moreiros 2 (Arronches, Portalegre): geofísica e cronologia dos recintos interiores”. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 9: 37-46.
- VALERA, A. C. e EVANGELISTA, L. (2014) – “Anthropomorphic figurines at Perdigões enclosure: naturalism, body proportion and canonical posture as forms of ideological language”. *European Journal of Archaeology*. 17 (2): 286-300.
- VALERA, A. C. e FILIPE, I. (2004) – “O Povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular”. *Era Arqueologia*. 6: 29-61.
- VALERA, A. C.; SILVA, A. M. e MÁRQUEZ ROMERO, J. (2014) – “The temporality of Perdigões enclosures: absolute chronology of the structures and social practices”. *SPAL Revista de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Sevilla*. 23: 11-26.
- VIANA, A. e DEUS, A. D. (1957) – “Mais Alguns Dólmenes da Região de Elvas (Portugal)”. In *IV Congresso Nacional de Arqueologia*. Zaragoza: Secretaría General de los Congresos Arqueológicos Nacionales, pp. 89-100.

al-mada-ma

online

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]

uma edição



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[<http://www.caa.org.pt>]

[<http://www.facebook.com>]

[c.arqueo.alm@gmail.com]

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]